

22

Influências de Immanuel Kant na obra de Wilhelm von Humboldt: o apriorismo do elemento transcendental

Taciane Domingues
Universidade de São Paulo

Introdução

Wilhelm von Humboldt (22 de junho de 1767, Potsdam, Prússia – 8 de abril de 1835, Berlim, Prússia) foi filósofo da linguagem e homem do Estado. Trabalhou em missões diplomáticas em Roma e Viena e, enquanto foi secretário da cultura e educação no Ministério de Interiores entre os anos de 1809 e 1810, realizou uma reforma educacional que culminou na fundação da Universidade de Berlim (GRILLO, 2017; HEATH, 1999). A crítica reforça que, “antes de se tornar um linguista, [Humboldt] foi um teórico da política e um homem do Estado” (TRABANT, 2017, p. 2)⁹³⁹⁴. Atualmente, quase todos os textos do autor em filosofia da linguagem já se encontram traduzidos para o português, com exceção de *Über die Verschiedenheit des Menschlichen Sprachbaues und ihren Einfluss auf die geistige Entwicklung des Menschengeschlechts*, “Sobre a diversidade de construções linguísticas e sua influência no desenvolvimento espiritual do gênero humano” [SDCL], de 1836; este se encontra em processo de estudo e tradução com base na filosofia transcendental de Immanuel Kant⁹⁵.

Não obstante a relevância política de Humboldt, seu pioneirismo no estudo comparativo de línguas o levou a ser considerado o fundador da linguística geral na Rússia, estatuto equivalente ao de Saussure no Brasil. Grillo

⁹³ *Before he became a linguist, was a political theoretician and statesman.*

⁹⁴ Não havendo indicação contrária, as traduções são minhas.

⁹⁵ Fomento: processo no Brasil nº 2021/01490-8, Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP) e CAPES.

(2017), após a leitura da obra “História da linguística: manual para estudantes de instituições do ensino superior”⁹⁶ (2008), de Amírova, Olkhóvikov e Rodjdiéstvenski, afirma:

a influência do pensamento humboldtiano sobre as teorias da linguagem na Rússia e na União Soviética pode ser atestada por meio da leitura da obra *Istória iazikoznánia* (História da linguística), de 2008, em que Humboldt é apontado como o fundador da linguística teórica, criador de um sistema da filosofia da linguagem no século XIX e precursor de quase todas as posições do Curso de linguística geral, de Ferdinand de Saussure (GRILLO, 2017, p. 18).

A filosofia da linguagem humboldtiana atendeu a um protótipo de projeto antropológico, comum aos teóricos pós-revolução francesa, cuja meta era a de descrever uma relação integrada entre a consciência⁹⁷, a história da nação e a biologia (CHABROLLE-CERRETINI, 2014). Nesse contexto, Humboldt propõe o estudo da língua como a chave para compreender de que maneira a consciência, por meio das faculdades do espírito (*Geisteskräfte*)⁹⁸, imprime sua força na história de uma nação pela geração de pensamento – o chamado “trabalho do espírito”.

Herdeiros do iluminismo, os idealistas realocaram a razão no centro do debate filosófico (AMERIKS, 2000; BEISER, 2000). Humboldt teoriza a língua⁹⁹ como fenômeno, ou seja, como “objeto específico do conhecimento humano

⁹⁶ Em russo transliterado, *Istória iazikoznánia: possóbie dlia studiéntcheskikh víschikh utchiébnikh zavediéni*.

⁹⁷ Termo empregado conforme a definição holística de Kant. O filósofo afirma que a consciência “discursiva” (formal ou “eu da reflexão”) e a consciência “empírica” (que trabalha os dados da experiência sensível) “compreendem tudo que o homem é ou pode atingir”, conforme verbete do Dicionário de Filosofia de Nicola Abbagnano (1998, p. 189). A definição voltará a ser explorada no corpo de nossa análise.

⁹⁸ “Entendem-se por esse nome os poderes da alma, ou seja, as espécies ou partes em que é possível classificar e dividir suas atividades ou princípios aos quais são atribuídas tais atividades” (ABBAGNANO, 1998, p. 425). O termo alemão *Geist* tem sido traduzido pelo campo da filosofia literalmente, ou seja, como “espírito”, e foi desse modo que entrou para a literatura filosófica e fortuna crítica da metafísica alemã em língua portuguesa; não tem, por conseguinte, qualquer conotação religiosa ou sobrenatural para além da filosofia metafísica.

⁹⁹ Em alemão não se faz distinção conceitual entre linguagem e língua. O próprio idioma nomeia apenas um objeto, [*die*] *Sprache*. Com base no sistema de Kant, entendo que Humboldt teoriza a ocorrência, em nossa cognição, de uma *faculdade que engendra um modo específico de representação: conceitos encarnados em som articulado*. Esta é a faculdade da linguagem, responsável por produzir a língua como fenômeno de representação dos referentes do mundo. Logo, a minha definição não remete ao entendimento de autores que já escreveram sobre uma “faculdade de linguagem” em Humboldt, como William D. Whitney e Ferdinand de Saussure; meu estudo ampara uma nova sistematização para o quadro teórico humboldtiano em Língua Portuguesa. Para tanto, tomo a liberdade interpretativa de, nas passagens em que Humboldt faz referência a capacidades (*Fähigkeiten*) linguísticas mais gerais como, por exemplo, a de produzir e compreender sons articulados, traduzir *Sprache* como “linguagem” e, se a referência é diretamente à língua e seus sistemas específicos, como as categorias gramaticais, traduzir como “língua”. Ana Agud, tradutora de SDCL para o Castelhana, também foi compelida a interpretar *Sprache* ora por “língua”, ora por “linguagem”. A referência para consulta é HUMBOLDT (1990).

que aparece sob condições particulares, características da estrutura cognoscitiva do homem” (ABBAGNANO, 1998, p. 437). O filósofo da linguagem aloca a razão também no centro do debate sobre as línguas e se apoia na metafísica de Kant para tratar a formação desse fenômeno. Em carta pessoal (levantada por Bolesław Andrzejewski, 2015, p. 19), Humboldt afirma: “agora estou focado na metafísica. Decidi fazer uma revisão séria de minhas convicções e retomar o estudo do sistema de Kant desde o início”¹⁰⁰. A pergunta principal da filosofia humboldtiana da linguagem e sua respectiva resposta foram sintetizadas pelo especialista Jürgen Trabant (2017, p. 2):

Sua pergunta é: “por que é filosoficamente necessário pensar as línguas?” O pensamento humboldtiano não tenta determinar as condições de validade da sentença; a resposta mais curta e geral para esta questão é: porque as línguas são os modos pelos quais o ser humano produz pensamento – ou seja, o trabalho do espírito – e porque queremos saber como a produção de pensamento se dá¹⁰¹.

Na seção introdutória à tradução para o inglês, Peter Heath (1999, p. vii) afirma, respectivamente com base em Bloomfield (1933) e Chomsky (1966), que SDCL tem sido referido como “o primeiro grande livro da linguística geral”¹⁰², pois “antecipa a linguística gerativa contemporânea”¹⁰³. Hurch (2004, p. 334) elenca que o pensamento humboldtiano abrange as áreas da fonologia e da prosódia, morfologia e sintaxe, estudos histórico-comparativos, mudanças e classificação linguística, gramaticalização, a relação entre língua e cultura e tipologia linguística. O próprio Humboldt (1963[1827], p. 114-115) afirmou o estudo linguístico como um campo autônomo do conhecimento:

Um segundo proveito importante, que se obtém com a descrição das formas gramaticais de todas as línguas, está na comparação entre os diversos cursos tomados por essas línguas em relação ao estado geral de suas respectivas culturas e, inclusive, em relação ao próprio ponto do desenvolvimento linguístico em que se encontra uma nação. (...) Logo, o estudo das línguas deve ser trabalhado de maneira independente – ele gera suas próprias questões. Contudo, exatamente pela especificidade de suas questões, o estudo das línguas revela tão pouco de seu propósito maior quanto qualquer outro campo do conhecimento; antes, o estudo das línguas se subordina, juntamente a todos os demais campos, a um propósito

¹⁰⁰ сейчас меня занимает преимущественно метафизика. Решил снова провести серьезную ревизию своих собственных убеждений и заново штудировать систему Канта с самого начала.

¹⁰¹ It asks why it is philosophically necessary to deal with languages; it does not try to determine the conditions of the truth of a sentence. The short and overall answer to that question is: because languages are the ways the human mind produces thought – die Arbeit des Geistes [the work of the spirit] – and because we want to know how this is done.

¹⁰² The first great book in general linguistics.

¹⁰³ It anticipates contemporary generative linguistics.

universal maior e aspirado pelo espírito humano de maneira geral: a humanidade compreender a si mesma e sua relação com todas as coisas conhecidas e abscondidas.¹⁰⁴

A relevância e o pioneirismo de Humboldt no desenvolvimento da linguística moderna são internacionalmente reconhecidos. Em língua portuguesa, Specht (2017, p. 20-21) levantou treze textos traduzidos entre 2001 e 2011, divididos em cinco publicações que foram desde língua e linguagem a teorizações sobre o Estado. Após um hiato de dez anos, em 2021 é lançado um novo volume com textos de Humboldt sobre filosofia da linguagem¹⁰⁵ e, entre 2021 e 2025, a autora deste artigo estará dedicada ao estudo e tradução de SDCL (fomento: cf. rodapé nº 4).

Segundo Ameriks (2000, p. 10), durante o debate idealista foi recorrente que cada autor desenvolvesse termos próprios, pois o idealismo foi a primeira corrente filosófica desenvolvida em língua materna (alemã - em oposição ao latim como língua corrente nas academias); outra razão para a diversidade terminológica foi o grande número de compêndios e dicionários que surgiram na tentativa de interpretar a obra de Kant. Uma terceira problemática surge com "o esoterismo crescente que acompanhou a ascensão do idealismo alemão - o desenvolvimento de um estilo de escrita intencionalmente anti sistemático e atécnico pelos românticos"¹⁰⁶. O contexto intelectual de Humboldt favoreceu a singularidade de sua terminologia e mesmo a falta de sistematização de seu texto. A teoria do conhecimento de Kant, que embasa boa parte da filosofia humboldtiana da linguagem¹⁰⁷, é dada ao leitor de maneira implícita, a saber, Humboldt não faz menção direta ao filósofo e não oferece ao público uma definição dos termos que utiliza. Por esse motivo, a primeira tradução de SDCL para o Português inaugura, em nossa língua, uma sistematização da teoria

¹⁰⁴ *Ein zweiter wichtiger Nutzen durch alle Sprachen durchgeführter Beschreibungen grammatischer Formen liegt in der Vergleichung der verschiedenen Behandlung derselben mit dem Cultur- und selbst dem Sprachzustande der Nation. (...) Denn das Sprachstudium muss zwar allein um sein selbst willen bearbeitet werden. Aber es trägt darum doch ebenso wenig als irgend ein anderer einzelner Theil wissenschaftlicher Untersuchung seinen letzten Zweck in sich selbst, sondern ordnet sich mit allen andren dem höchsten und allgemeinen Zweck des Gesamtstrebens des menschlichen Geistes unter, dem Zweck, dass die Menschheit sich klar werde über sich selbst und ihr Verhältnisse zu allem Sichtbaren und Unsichtbaren um und über sich.*

¹⁰⁵ Humboldt (2021).

¹⁰⁶ (...) *the growing esotericism accompanying the rise of German Idealism, the development of an intentionally anti-systematic, nontechnical style of writing.*

¹⁰⁷ Como tradutora de Humboldt e estudiosa de Kant, saliento que o pensamento do primeiro é complexo e uma tradução que se apoie no sistema kantiano é apenas uma das chaves de acesso ao seu texto. Ainda que se tome Kant pela pedra-de-toque da teoria de Humboldt, um tal olhar não pretende - sequer poderia - esgotar sua filosofia da linguagem.

linguística de Humboldt com base na metafísica de Kant. Para tanto, a tradução conterà notas de rodapé e um glossário terminológico, com vistas a situar o público leitor no contexto da discussão iniciada por Kant, a filosofia transcendental, e um ensaio introdutório, no qual se apresentará Humboldt como um filósofo transcendental da linguagem.

O presente estudo se dedica, portanto, a realizar uma análise interpretativa do tópico "Ação de faculdades excepcionais do espírito: civilização, cultura e *Bildung*¹⁰⁸" (*Einwirkung ausserordentlicher Geisteskraft: Civilisation, Cultur und Bildung*), com vistas a destacar como o elemento transcendental – o qual, do ponto de vista da filosofia de Kant, é um modo necessário de representação¹⁰⁹ (MARQUES, 1990, p. 50) – e a singularidade de seu apriorismo são mobilizados por Humboldt como o elemento característico do espírito em que se apoia a geração de língua materna. Esta é concebida pelo filósofo da linguagem como um modo de representação engendrado pela faculdade espiritual da linguagem¹¹⁰.

1 O apriorismo do elemento transcendental e os modos necessários de representação

Percorramos a teoria do conhecimento de Kant para compreendermos como as faculdades do espírito engendram modos necessários de representação – dentre eles os chamados esquemas (*Schemas*)¹¹¹ – a partir de um elemento transcendental que se manifesta *a priori* (anterior à experiência). Kant distingue, sobretudo, as faculdades do juízo (*Urteil*), da razão (*Vernunft*), do entendimento (*Verstand*) e da sensibilidade (*Empfindung*). De acordo com o filósofo, essas faculdades incidem umas sobre as outras por meio de seu modo necessário de representação ou esquema e, desse modo, vão se contendo, de maneira análoga a conjuntos matemáticos, como condição de possibilidade do conhecimento. As principais faculdades de que nos

¹⁰⁸ No texto de Humboldt, o termo alemão *Bildung* remeterá à formação educacional e erudição literária e científica geral, tanto de um sujeito, quanto de um povo. Ao invés de traduzi-lo por um termo que não atenderia exatamente à demanda proposta no original, opto por mantê-lo em alemão e explicar o conceito no corpo do texto ou em nota de rodapé.

¹⁰⁹ "Kant estabeleceu seu significado [da representação] generalíssimo, considerando-o gênero de todos os atos ou manifestações cognitivas, independentemente de sua natureza de quadro ou semelhança (*Crit. R. Pura*, Dialética, livro I, seç. I), e foi desse modo que o termo passou a ser usado em filosofia." (ABBAGNANO, 1998, p. 853).

¹¹⁰ Sobre a tradução de *Sprache* como "língua" ou "linguagem", cf. rodapé nº 8.

¹¹¹ Mais sobre o papel dos esquemas, um dos modos necessários de representação, cf. OLIVEIRA (2020), a quem presto meus agradecimentos pela interlocução sobre o tema.

ocuparemos aqui são a razão, que incide sobre o entendimento pelo esquema das ideias; o entendimento, que por sua vez incide sobre a sensibilidade pelo esquema dos conceitos puros *a priori*, também designados na Crítica da Razão Pura¹¹² como categorias (MARQUES, 1990, p. 47), e a própria sensibilidade, que engendra formas puras *a priori* para a aparência (outro modo de representação) dos objetos em geral.

Dentro desse sistema, o entendimento é como um cientista a buscar a correspondência entre seu modo necessário ou esquema de representação – as categorias puras *a priori* – e a representação dos objetos feita pela sensibilidade. Os objetos nos são dados na experiência, ou seja, no contato entre eles e a faculdade receptiva da sensibilidade. A correspondência entre a representação do objeto, engendrada pelas formas puras *a priori* de nossa sensibilidade¹¹³ e escrutinada pelo esquema do entendimento – ou seja, pelas categorias¹¹⁴ incidentes sobre as formas puras da sensibilidade – acarreta um conhecimento verdadeiro (KANT, KrV, A 642, B 670)¹¹⁵; isso porque, de acordo com o debate metafísico do período de Kant, a composição fundamental de todo conhecimento consistia de uma parte sensível e de uma parte intelectual (MARQUES, 1990, p. 42-43, grifos meus): “a operação coordenativa da sensibilidade requer, por um lado, a afecção externa, e, por outro, a *determinação transcendental (ou afecção interna)* através das categorias (...)”. Logo, segundo Kant a constituição do objeto como fenômeno que nos aparece é determinada pela afecção receptiva e, portanto, externa da sensibilidade, mas todavia também por uma afecção ativa, que nos é interna e *a priori*, ou seja, anterior à experiência – a afecção das categorias do entendimento. A afecção interna corresponde a dizer que o objeto não se nos revela e nos afeta tal como ele é, senão que a forma pela qual o objeto aparece aos nossos sentidos é determinada por configurações que são próprias às nossas faculdades e não ao objeto; por isso, o objeto nos aparece de modo “transcendental”.

¹¹² Foram consultadas três edições do livro de Kant, uma em alemão e duas em português, que estão referenciadas ao final.

¹¹³ Especialmente as formas do espaço e tempo. MARQUES (1990, p. 41), esclarece que “evocada a coordenação para o múltiplo sensível, a ação do espírito efetua-se por meio de relações espaço-temporais, do conjunto destas sendo abstraídos os conceitos de espaço e tempo.”

¹¹⁴ A Enciclopédia Stanford de Filosofia (*Stanford Encyclopedia of Philosophy*) compila as doze categorias da Crítica da Razão Pura (KANT, KrV, A 80, B 106), divididas em quatro classes: (1) Quantidade: unidade, pluralidade, totalidade; (2) Qualidade: realidade, negação, limitação; (3) Relação: substância, causalidade, comunidade; (4) Modalidade: possibilidade, existência, necessidade.

¹¹⁵ Referências de Kant citadas de acordo com a edição da Academia (*Akademie-Ausgabe* [“AA”] - *Kants gesammelte Schriften: herausgegeben von der Detuschen Akademie der Wissenschaften*, 29 vols. Berlin, Walter de Gruyter, 1902), na qual KrV = *Kritik der reinen Vernunft* [Crítica da Razão Pura], A = edição de 1781, B = edição de 1789.

Na tradição filosófica do ocidente, "transcendental" se refere "às propriedades que as coisas têm em comum, que por isso excedem ou transcendem as diversidades de gêneros em que as coisas se distribuem" (ABBAGNANO, 1998, p. 971); já em Kant, os pressupostos transcendentais "nada mais são do que exigências lógicas e critérios para qualquer conhecimento das coisas em geral [afecção interna] e repousam nas categorias [esquemas] de quantidade (unidade, pluralidade e totalidade)" (idem). Tais exigências lógicas e critérios são *a priori* à experiência caso a caso porque são abstraídas de leis ínsitas na mente (MARQUES, 1990; 2007), não dos objetos. Segundo afirma Kant (KrV, A 24 - A 35),

uma vez subtraído à experiência tudo aquilo que pertence aos sentidos, restarão certos conceitos primordiais e juízos deles resultantes, que devem ter ascendido inteiramente *a priori*, independentemente da experiência, pois fazem com que possamos dizer mais sobre os objetos que aparecem aos sentidos ou, ao menos, nos permitem acreditar que podemos fazê-lo, do que a própria experiência com esses objetos permitiria, e fazem com que essas assunções abarquem generalizações verdadeiras e rigorosamente necessárias, cuja natureza o conhecimento meramente empírico não fornece.¹¹⁶

No sistema de Kant (KrV, A 642, B 670), a razão, que incide sobre o entendimento pelo esquema das ideias, tem, ao contrário deste, uma propensão natural a exceder o campo da experiência, pois as ideias projetadas em um e outra são meramente problemáticas (hipotéticas). Dessarte, a razão opera como uma visionária a orientar a investigação científica do entendimento por meio de um "vislumbre", tal seja, o de que há possibilidade de se unificar o conhecimento pontual e fragmentário (pois engendrado caso a caso pelo entendimento) da natureza. Esta tarefa da razão é cumprida precisamente por meio da projeção, na experiência, de seu esquema ou modo necessário de representação: as ideias *a priori* operam como o princípio transcendental que regula (organiza) o conhecimento fragmentário engendrado pelo entendimento:

¹¹⁶ (...) selbst unter unsere Erfahrungen sich Erkenntnisse mengen, die ihren Ursprung *a priori* haben müssen und die vielleicht nur dazu dienen, um unsern Vorstellungen der Sinne Zusammenhang zu verschaffen. Denn wenn man aus den ersteren auch alles wegschafft, was den Sinnen angehört, so bleiben dennoch gewisse ursprüngliche Begriffe und aus ihnen erzeugte Urteile übrig, die gänzlich *a priori*, unabhängig von der Erfahrung entstanden sein müssen, weil sie machen, daß man von den Gegenständen, die den Sinnen erscheinen, mehr sagen kann, wenigstens es sagen zu können glaubt, als bloße Erfahrung lehren würde, und daß Behauptungen wahre Allgemeinheit und strenge Notwendigkeit enthalten, dergleichen die bloß empirische Erkenntnis nicht liefern kann.

A razão nunca se refere diretamente a um objeto, mas tão somente ao entendimento, e por meio deste a seu próprio uso empírico. Portanto, não cria conceitos (de objetos), mas apenas os ordena e lhes confere aquela unidade que poderiam ter em sua maior extensão possível, isto é: em relação à totalidade das séries – totalidade que o entendimento não mira em absoluto, pois vê apenas aquela conexão pela qual todas as séries de condições se compõem como tal segundo conceitos. Logo, em realidade a razão tem por objeto apenas o entendimento e sua disposição conforme a fins e, assim como o entendimento unifica o diverso no objeto por meio dos conceitos, a razão, por sua vez, unifica o diverso dos conceitos por meio das ideias. Desse modo, a razão estabelece uma certa unidade coletiva como meta para as ações do entendimento, as quais, de outro modo, ocupariam-se apenas com a unidade distributiva¹¹⁷. (KANT, KrV, A 644, B 672)

Em outras palavras:

(...) no Apêndice [à Dialética Transcendental] a razão não tem apenas a função de aduzir um princípio da continuação e ampliação maior possível da experiência por intermédio de suas ideias. A sua função essencial consiste num uso lógico-sistemático, que se expressa na busca da produção de um sistema de conhecimentos empíricos, e que supõe para tanto um princípio regulativo-transcendental. (CORDEIRO, 2006, p. 165-166)

Por conseguinte, o elemento transcendental que engendra os modos necessários de representação ou esquemas de cada faculdade é um princípio interno e *a priori* a regular esses esquemas representativos. Todavia, *a priori* não significa que haja prioridade temporal das ideias da razão, das categorias ou conceitos puros do entendimento e das formas puras de nossa sensibilidade em relação ao objeto. Conforme a dedução¹¹⁸ transcendental de Kant avança, a aquisição originária toma o espaço antes pertencente ao debate sobre o inatismo das faculdades do espírito:

Decerto que não se trata de uma aquisição empírica, onde os mesmos [os conceitos puros] seriam abstraídos "a partir da sensação dos objetos"; ao contrário, são eles "abstraídos" a partir de "leis ínsitas na mente (atendendo às ações desta por ocasião da experiência)". (...)

¹¹⁷ Die Vernunft bezieht sich niemals geradezu auf einen Gegenstand, sondern lediglich auf den Verstand, und vermittelt desselben auf ihren eigenen empirischen Gebrauch, schafft also keine Begriffe (von Objekten), sondern ordnet sie nur, und gibt ihnen diejenige Einheit, welche sie in ihrer größtmöglichen Ausbreitung haben können, d. i. in Beziehung auf die Totalität der Reihen, als auf welche der Verstand gar nicht sieht, sondern nur auf diejenige Verknüpfung, dadurch allerwärts Reihen der Bedingungen nach Begriffen zustande kommen. Die Vernunft hat also eigentlich nur den Verstand und dessen zweckmäßige Anstellung zum Gegenstande, und, wie dieser das Mannigfaltige im Objekt durch Begriffe vereinigt, so vereinigt jene ihrerseits das Mannigfaltige der Begriffe durch Ideen, indem sie eine gewisse kollektive Einheit zum Ziele der Verstandeshandlungen setzt, welche sonst nur mit der distributiven Einheit beschäftigt sind.

¹¹⁸ "Relação pela qual uma conclusão deriva de uma ou mais premissas" (ABBAGNANO, 1998, p. 232).

Em 1770, Kant conquista a distinção - que concerne à essência, não meramente ao grau - entre o sensível e o inteligível, de onde, portanto, os "conceitos intelectuais", não se pode obtê-los por abstração a partir das intuições sensíveis, mas, em verdade, "eles são dados pela própria natureza do entendimento" - e, acrescentando-se, "não como conceitos inatos, mas como conceitos abstraídos das leis ínsitas na mente". Como se pode facilmente ver, "dados pela própria natureza do entendimento" equivale a "abstraídos das leis ínsitas na mente"; apenas que, para a primeira expressão, o que importa é a distinção: "sensível"/"inteligível", e, para a outra, a distinção: "inato"/"adquirido". Em ambas, porém, o processo de obtenção dos conceitos intelectuais é o mesmo, ou seja, a abstração. Mas, como previne o próprio Kant, o conceito intelectual é o-que-abstrai (o "abstraente"), não o-que-é-abstraído (o "abstracto"). Novamente, tal distinção indica o corte entre o "sensível" e o "inteligível", de forma que o conceito intelectual é então o-que-abstrai-do-sensível, não o-que-é-abstraído do sensível. Numa palavra, ele não resulta de uma generalização do singular, mas, outrossim, é já obtido como implicando uma universalidade originária, embora careça, para ser adquirido, da ocasião em que a experiência o requisite. (MARQUES, 1990, p. 46).

Portanto, o elemento transcendental é um princípio apriorístico porque se origina de leis ínsitas na mente, por ocasião da experiência que requisite determinada lógica ou critério para a afecção dos objetos em geral, no caso do entendimento, e para a regulação dos conhecimentos caso a caso do entendimento, no caso da razão. Como condição para o conhecimento, cada faculdade incide sobre a outra por meio de um esquema, ou seja, por um modo necessário de representação apoiado pelo princípio regulativo ou elemento transcendental que, por ser transcendental, é *a priori*.

Em sua própria teoria, Humboldt (1963[1836], p. 392, grifos meus) sinaliza a mobilização do elemento transcendental ao concluir que a civilização, as respectivas culturas dos povos e o aculturamento interno do sujeito (*Bildung*) são manifestações ou efeitos (*Wirkungen*) das faculdades do espírito - não os motivadores do surgimento e desenvolvimento das mesmas: "as faculdades do espírito, a partir de sua profundidade e plenitude *interna*, *impõem* sua ação sobre o desenrolar dos acontecimentos universais [externos] e são o *verdadeiro princípio criador* da jornada oculta e, por assim dizer, misteriosa do desenvolvimento humano (...)"¹¹⁹. Segundo a teoria de Kant, a experiência não nos entrega conceitos intelectuais (o "abstracto"); ao contrário, ela é apenas a ocasião de estímulo para a atividade intelectual, que abstrai os conceitos puros

¹¹⁹ *Die aus ihrer Tiefe und Fülle in den Lauf der Weltbegebenheiten eingreifende Geisteskraft ist das wahrhaft schaffende Princip in dem verborgenen und gleichsam geheimnisvollen Entwicklungsgange der Menschheit (...)*

a partir de leis ínsitas na própria mente (o “abstraente”). O equivalente da experiência, para Humboldt (1963[1836], p. 396), é o desenrolar dos acontecimentos históricos de uma nação, os quais, em último caso, não conseguem justificar ou influenciar o desenvolvimento cognitivo (espiritual) humano, pois tanto para Kant quanto para o filósofo da linguagem, a cognição humana é um dado transcendental (*a priori* à experiência):

Todo desenvolvimento espiritual ocorre apenas devido à externalização de um poder interno. Por isso, mantém sempre um fundamento oculto e, porque seu fundamento é autônomo, inexplicável. Se esse poder interno cria repentinamente e de seu próprio âmago com um domínio que não se pode justificar pelo percurso histórico, então toda possibilidade de explicação de seu surgimento cessa.¹²⁰

O elemento transcendental, que em Kant é o fator intelectual abstrato tanto das ideias da razão quanto dos conceitos do entendimento e das formas da sensibilidade, ganha destaque na terminologia humboldtiana como a singularidade do espírito (*Geisteseigentümlichkeit*). Identificamos que essa terminologia se refere ao apriorismo do elemento transcendental em virtude da descrição, feita por Humboldt (1963[1836], p. 392), de sua manifestação como imprevisível e inexplicável e da imagem criada pelo autor de uma faísca em brasa cuja força é originária, ou seja, capaz de se inflamar a partir de si mesma e, dessa maneira, reascender ilimitadamente sua própria chama:

É a excepcional singularidade do espírito [aquele fator] que expande o conceito de intelectualidade humana e se manifesta sempre de maneira inesperada, sem que a profundidade de sua aparição deixe margem para qualquer explicação. A singularidade do espírito se distingue sobretudo porque sua obra não se limita a ser somente a base sobre a qual seguimos enformando [engendrando modos de representação], senão porque contém em si uma faísca em brasa capaz de se inflamar por conta própria e reascender ilimitadamente sua própria chama. A singularidade do espírito perpetua a vida porque ela mesma emerge da vida mais plena.¹²¹

A singularidade do espírito, ou seja, o apriorismo originário que o caracteriza, é definido no texto do filósofo da linguagem como a natureza das

¹²⁰ *Alles geistige Vorrücken kann nur aus innerer Kraftäusserung hervorgehen, und hat insofern immer einen verborgenen und, weil er selbstthätig ist, unerklärlichen Grund. Wenn aber diese innere Kraft plötzlich aus sich selbst hervor so mächtig schafft, dass sie durch den bisherigen Gang gar nicht dahin geführt werden konnte, so hört eben dadurch alle Möglichkeit der Erklärung von selbst auf.*

¹²¹ *Es ist die ausgezeichnete, den Begriff menschlicher Intelectualität erweiternde Geisteseigenthümlichkeit, welche unerwartet und in dem Tiefsten ihrer Erscheinung unerklärbar hervortritt. Sie unterscheidet sich besonders dadurch, dass ihre Werke nicht bloss Grundlagen werden, auf die man fortbauen kann, sondern zugleich den wieder entzündenden Hauch in sich tragen, der sie erzeugt. Sie pflanzen Leben fort, weil sie aus vollem Leben hervorgehn.*

faculdades criadoras. Coincidentemente ao proposto por Kant, a natureza das faculdades criadoras é um predicado intelectual ativo (em oposição ao sensível e receptivo) que as permite engendrar modos necessários ou esquemas de representação e, assim, aferir a matéria dada na experiência a partir de leis internas:

Por menos que a natureza das faculdades criadoras nos permita entrevê-las, o suficiente assoma para que admitamos prevalecer nelas a capacidade de *dominar a matéria dada a partir de dentro - de transformar a matéria dada em ideias ou de subordiná-la a estas*. Já desde tempos primórdios, a humanidade tem excedido a presencialidade do agora e não tem se atido à mera sensorialidade que é ativada na presença das coisas do mundo¹²² (HUMBOLDT (1963[1836], p. 394, grifos meus).

Vimos que, na história da filosofia, Kant transferiu a discussão sobre o inatismo, relativa à prioridade temporal, “da metafísica teológica (ou da psicologia supostamente racional) para a crítica do conhecimento” (MARQUES, 1990, p. 42-43). Para Kant, é irrelevante “quando obtemos as representações que propiciam o conhecimento: se antes, após ou ao nascermos”, mas interessa-lhe “como, um e outro partido, podem ambos alcançar a objetividade” (idem). Também Humboldt não se insere no debate inatista; não lhe interessa especular em que momento as formas de aquisição se dão. Como em Kant, a investigação do filósofo da linguagem parte de um ponto no qual independe quando o sujeito adquire o elemento transcendental; relevante é o fato de que este se encontra no sujeito e, por ser *a priori*, sua manifestação não se explica ou se antecipa pela experiência (no caso dos estudos antropológicos, pela história).

2 A faculdade da linguagem e a língua materna como modo necessário de representação

Definido o elemento transcendental em Kant como o princípio interno *a priori* para afecção e regulação do conhecimento por meio de esquemas ou modos necessários de representação e o tendo reconhecido em Humboldt como a singularidade espírito, passemos agora a explorar a proposta

¹²² *Wie wenig auch die Natur dieser schöpferischen Kräfte sie eigentlich zu durchschauen gestattet, so bleibt doch soviel offenbar, dass in ihnen immer ein Vermögen obwaltet, den gegebenen Stoff von innen heraus zu beherrschen, in Ideen zu verwandeln oder Ideen unterzuordnen. Schon in seinen frühesten Zuständen geht der Mensch über den Augenblick der Gegenwart hinaus und bleibt nicht bei bloss sinnlichem Genusse.*

humboldtiana de que há uma faculdade da linguagem que, assim como as demais faculdades de Kant, com apoio no referido elemento engendra seu modo necessário de representação: a língua.

A singularidade do espírito é aferir e regular os objetos da experiência que se apresentam aos nossos sentidos em aparência (como fenômenos) de modo transcendental (*a priori*). Os objetos em sua aparência são escrutinados por exigências lógicas e critérios internos para o conhecimento das coisas em geral. As exigências e critérios (transcendentais) da afecção e regulação internas são originados *a priori*, ou seja, de formas ínsitas na mente, em ocasião que a experiência os requisite. Não são adquiridos de um objeto qualquer, mas da própria mente; em outras palavras, são adquiridos de mim, que sou a própria origem da mente: "a faculdade dos atos enformadores, tal significa uma *característica peculiar* à mente humana, cujo exercício desdobra os conteúdos engendrados por ela mesma" (MARQUES, 1990, p. 47, grifos meus). Kant desloca a matriz da metafísica da natureza do "intelecto intuitivo de um ente originário" - a saber, de um inatismo de densidade teísta que imperou na filosofia até Descartes - para "as pré-disposições discursivas do ente humano finito", sendo que o significado de "discursivo" em Kant é o intelecto que "por si mesmo elabora o conteúdo das impressões sensíveis" (idem, p. 45).

Em outras palavras, para Kant as faculdades são uma forma determinada de aquisição (MARQUES, 1990, p. 45). A aquisição de representações se ordena pela incidência das faculdades umas sobre as outras por meio de suas representações necessárias ou esquemas: por meio das ideias, a faculdade da razão confere unidade às categorias ou conceitos puros de objetos (pertencentes à faculdade do entendimento); os conceitos de objetos, por sua vez, são responsáveis por subsumir a percepção dos objetos. As formas sensíveis da percepção são engendradas pela faculdade da sensibilidade/intuição no tempo e no espaço¹²³:

Um dos resultados da Dedução [Transcendental] consiste na prova de que o múltiplo da intuição empírica no espaço e no tempo está necessariamente subsumido a conceitos de objetos. Neste sentido, a primeira Crítica demonstrou que a constituição da *objetualidade* dos objetos da experiência pelas categorias e princípios do entendimento é uma condição de possibilidade do conhecimento objetivo. Assim,

¹²³ "Ao nível do modo por que são obtidos [as formas do espaço e tempo], trata-se, pois, de uma simples aquisição por abstração. Todavia, como se trata de algo adquirido de mim, não, pois, tomado a outrem ou ao que quer que fosse e lhe detivesse a posse, uma tal aquisição é particularmente originária" MARQUES (1990, p. 47, grifos do autor).

Kant pôde fornecer provas do modo específico como cada categoria é usada para a distinção entre a ordem objetiva dos fenômenos e a ordem subjetiva das percepções (CORDEIRO, 2006, p. 197, grifos do autor).

Ao assumirmos que Humboldt dá prosseguimento ao sistema de Kant, então a faculdade da linguagem, na condição de uma forma de aquisição das representações, coordena o material sensível, dado por ocasião da experiência, segundo uma lei ínsita no espírito e, portanto, universalmente originária (MARQUES, 1990, p. 46).

Como se deu a origem, no primeiro ser humano, do elemento transcendental sobre o qual os atos criadores das faculdades do espírito se apoiam é insondável, segundo Humboldt (1963[1836]); podemos averiguar apenas os modos necessários de representação desse elemento, pois se manifestam também no exterior. Em outras palavras, podemos tomar contato apenas com os efeitos do domínio exercido pelas faculdades cognitivas da subjetividade sobre a matéria dada na experiência. Tais efeitos, uma vez exteriorizados no mundo, retornam “objetivamente” à nossa ciência por meio da faculdade receptiva da sensibilidade. Dentre esses efeitos ou modos de representação, Humboldt (1963[1836], p. 393) elenca as artes plásticas egípcias, a filosofia e poesia indianas (com suas respectivas diferenças em relação às latinas e gregas) e a álgebra; anuncia, então, que a faculdade da linguagem será investigada a partir de seus modos de representação ou efeitos sensíveis particulares – as línguas:

(...) o poder [espiritual]¹²⁴, que faz dos seres humanos de fato humanos e por isso é a mais simples definição de sua essência, revela-se a si e as suas múltiplas aspirações em fenômenos singulares de conformações novas e expansoras de seus conceitos no contato com o mundo – mundo no qual, se me é permitida a expressão, a vida do gênero humano se desenvolve vegetativa e de certo modo mecanicamente num caminho previamente traçado. A exemplo, a invenção da álgebra foi uma dessas novas conformações dentro da orientação matemática do espírito humano e, da mesma maneira, em cada área do conhecimento e das artes se verificam exemplos análogos; investigá-los-emos mais detalhadamente na linguagem.¹²⁵ (HUMBOLDT, 1963[1836], p. 395).

¹²⁴ Na tradução brasileira da *Crítica da Razão Pura*, *Kraft* é traduzido tanto como “força” quanto “poder” e “faculdade”, sendo esses, portanto, termos análogos. Cf. a tradução de Fernando Costa Matos (2015).

¹²⁵ (...) *die Kraft, die den Menschen eigentlich zum Menschen macht, und also die schlichte Definition seiner Wesens ist, in ihrer Berührung mit der Welt, in dem, wenn der Ausdruck erlaubt ist, vegetativen und sich auf gegebener Bahn gewissermassen mechanisch fortentwickelnden Leben des Menschengeschlechts, in einzelnen Erscheinungen sich selbst und ihre vielfältigen Bestrebungen in neuen, ihren Begriff erweiternden Gestalten offenbart. So war z. B. die Erfindung der Algebra eine solche neue Gestaltung in*

Em contato com a vida “mecânica” e “vegetativa” do organismo na experiência - uma das passagens que prenunciam o emprego, por Humboldt, do debate entre Kant e o naturalista Johann Friedrich Blumenbach sobre o impulso formativo (*Bildungstrieb*) dos corpos organizados¹²⁶ -, as faculdades do espírito revelam sua existência por meio de representações singulares, resultantes do contato entre essas faculdades e os referentes do mundo. As múltiplas manifestações civilizatórias e culturais, como a álgebra, no campo da matemática, e as línguas, no campo da linguagem, são efeitos das formas específicas que a cognição humana tem *a priori* para construir o conhecimento da natureza; são efeitos da maneira como a natureza intelectual do ente humano finito elabora o conteúdo das impressões sensíveis. As pré-disposições discursivas do ente humano finito resultam no que Humboldt denominará como a “vida espiritual humana” e são enformadas em modos específicos de representação, dentre os quais a língua; os modos de representação, na condição de elementos sensíveis, por sua vez remeterão à vida espiritual que lhes originou: “o recente e principal paradigma cultural moderno teve origem na poesia romance e sua respectiva vida espiritual - a qual, com o ocaso da língua latina, repentinamente se desenvolveu no que hoje é ocidente europeu.”¹²⁷ (HUMBOLDT, 1963[1836], p. 393). Nossa tese de que Humboldt propõe o prosseguimento do sistema de Kant ao estabelecer uma faculdade específica para a linguagem e a língua como um modo necessário de representação encontra respaldo no filósofo neokantiano Ernst Cassirer (1954, p. 102, grifos meus):

Como, para Kant, o objeto do conhecimento, enquanto “objeto em sua aparência”, não se nos apresenta na condição de dado externo e objetivo do mundo, mas se torna possível, pressuposto e constituído para nós apenas por meio de categorias próprias, a subjetividade da língua já não mais parece ser um empecilho que nos separa da apreensão do objeto, *mas um meio pelo qual o objeto se forma para nós ou um meio pelo qual tornamos objetivas as impressões sensíveis que temos dele*. A língua provém tão pouco do objeto em si, a ser apreendido em sua existência particular, quanto o conhecimento; antes, a língua conserva, em si, um ponto de vista capturado pelo

der mathematischen Richtung des menschlichen Geistes, und so lassen sich ähnliche Beispiele in jeder Wissenschaft und Kunst nachweisen. In der Sprache werden wir sie weiter unten ausführlicher aufsuchen.

¹²⁶ Na formação do som articulado, Humboldt mencionará nominalmente o impulso formativo e este consistirá num estudo à parte.

¹²⁷ *Ebenso entsprang in späterer Zeit aus der Romanischen Poesie und dem geistigen Leben, das sich mit dem Untergange der Römischen Sprache plötzlich in dem nun selbständig gewordenen Europäischen Abendland entwickelte, der hauptsächlichste Theil der modernen Bildung.*

espírito e que se constitui como o ponto de vista decisivo para nossas representações do objetivo.¹²⁸

As formas linguísticas tornariam possível representar a impressão do objeto, enquanto fenômeno em sua aparência, na condição de conceito. Assim como a faculdade da sensibilidade engendra a representação do objeto em formas originárias que lhes são específicas (as formas sensíveis do espaço e do tempo - cf. as notas de rodapé nº 19 e nº 28), a faculdade da linguagem engendra as impressões subjetivas que o objeto em aparência nos causa em um modo de representação que também lhe é específico: *conceitos encarnados na forma do som articulado*¹²⁹. Dessarte, a faculdade da linguagem gera a língua materna como um modo necessário de representação dos referentes do mundo, conforme conceitualizados pelas pré-disposições discursivas do ente humano finito.

Considerações finais

Humboldt mobiliza o elemento transcendental e seu apriorismo à experiência e conclui que a civilização, as respectivas culturas dos povos e o acultramento interno do sujeito são manifestações ou efeitos das faculdades do espírito e não a origem do desenvolvimento humano. As faculdades impõem sua ação sobre o desenrolar dos acontecimentos universais porque, segundo o filósofo da linguagem, são o verdadeiro princípio criador do desenvolvimento cognitivo humano, o qual não se explica pela história pois se considera que o elemento intelectual humano é originário e, por isso, irrompe sempre do interior para o exterior. O elemento transcendental é destacado por Humboldt como a singularidade do espírito pois acrescenta a vida espiritual, cognitiva ou discursiva e típica do gênero humano enquanto tal, ao desenvolvimento mecânico e vegetativo do organismo natural.

¹²⁸ *Wie bei Kant der Gegenstand, als 'Gegenstand in der Erscheinung', der Erkenntnis nicht als ein Äußeres und Jenseitiges gegenübersteht, sondern durch deren eigene Kategorien erst 'ermöglicht', erst bedingt und konstituiert wird - so erscheint jetzt auch die Subjektivität der Sprache als keine bloße Schranke mehr, die uns vor der Erfassung des gegenständlichen Seins trennt, sondern als ein Mittel der Formung, der 'objektivierung' der sinnlichen Eindrücke. Die Sprache kommt so wenig wie die Erkenntnis von dem Objekt als einem Gegebenen her, um es lediglich in sich 'abzudrücken', sondern sie birgt in sich eine geistige Auffassungsweise, die als entscheidendes Moment in all unsere Vorstellung des Objektiven eingeht.*

¹²⁹ Após as considerações teóricas mais gerais sobre a língua como representação, em SDCL Humboldt dedicará um capítulo especificamente à forma do som: "O sistema de sons das línguas" (*Lautsystem der Sprachen*), subdividido em "A natureza do som articulado" (*Natur der articulirten Lautes*), "Mudanças do som" (*Lautveränderungen*), "Alocação do som conforme os conceitos" (*Vertheilung der Laute unter die Begriffe*), "Designação das relações gerais" (*Bezeichnung allgemeiner Beziehungen*), "A forma do som das línguas" (*Lautform der Sprachen*) e "Técnica do sistema" (*Technik derselben*).

O elemento transcendental é o-que-abstrai da experiência *a priori*, ou seja, a partir de leis ínsitas na mente e, assim, adquire as representações de maneira originária. Por isso, Humboldt define o elemento transcendental como o predicado que permite às faculdades engendrar modos de representação por meio da gestão da matéria dada a partir de leis internas. A faculdade da linguagem, na condição de uma forma de aquisição das representações, coordena o material sensível dado por ocasião da experiência segundo uma lei ínsita no espírito e, portanto, universalmente originária. Por ser originária, essa lei é, segundo Humboldt, insondável; o que está ao alcance de uma investigação sobre a natureza é tão somente os modos de representação, que muito embora sejam geridos na interioridade, possuem uma expressão corporificada no exterior. Os modos de representação são os efeitos da gestão interior que retornam “objetivamente” à nossa ciência por meio da faculdade da sensibilidade: as artes plásticas egípcias, a filosofia e poesia indianas, latinas, gregas etc., a álgebra e as diversas línguas. Por serem efeitos de uma gestão interna, Humboldt afirma que as línguas nos permitem presumir que há uma faculdade própria para a linguagem, geradora e aquisitiva dessas línguas.

Para Humboldt, a língua é um modo de representação pois é por meio das formas linguísticas que se torna possível representar a impressão do objeto, enquanto fenômeno em sua aparência, na condição de conceito intelectual, assim como representar as diversas relações que se dão no pensamento. A faculdade da linguagem enforma as impressões sobre o objeto em um modo específico e necessário de representação: os conceitos encarnados na forma do som articulado. Nossa análise reforça a posição de Cassirer (1954, p. 107), para quem a pesquisa de Humboldt sobre as línguas atendeu ao requisito básico do método transcendental, tal seja, definir a correlação entre a aparência do fenômeno - no caso da língua, a forma do som articulado - e o conceito intelectual por trás do fenômeno sensível “palavra” e das demais formas linguísticas, as quais corporificam relações feitas pelo próprio pensamento. Eis que, corroborando Cassirer, a relação continuada proposta por Kant entre filosofia e ciência se prova, com Humboldt, em um campo novo: a linguística.

Referências

- ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- AMERIKS, Karl. Introduction: interpreting German Idealism. In: **German Idealism**. Nova Iorque: Cambridge University Press, 2000. p. 1-17.
- AMÍROVA, T. A.; OLKHÓVIKOV, B. A.; ROJDIÉSTVENSKI, IU. V. **Istória iazikoznánia: possóbie dlia studiéntcheskikh víschikh utchiébnikh zavediéni** [História da linguística: manual para estudantes de instituições de ensino superior]. Moscou: Izdatelski tsentr Akademia, 5. ed., 2008.
- ANDRZEJEWski, Boleslaw. Immanuel Kant i voprósy kommunikativnogo konstruktivizma. **Tieorietfcheskaia filosofíia Kanta, Kaliningrado**, n. 1(51), p. 17-25, 2015.
- BEISER, Frederick Charles. The Enlightenment and idealism. In: **German Idealism**. Nova Iorque: Cambridge University Press, 2000. p. 18-36.
- CASSIRER, Ernst. **Philosophie der Symbolischen Formen**. Oxford: Oxford, 1954. p. 99-108.
- CHABROLLE-CERRETINI, Anne-Marie. L'approche anthropologique du caractère national chez Wilhelm von Humboldt. **The Tocqueville Review/La revue Tocqueville**, Toronto, v. 35, n. 1, p. 55-71, 2014.
- CORDEIRO, Renato Valois. Mecanismo e teleologia no contexto das antinomias de Kant. **O que nos faz pensar**, Rio de Janeiro, n. 19, p. 165-179, 2006.
- GRILLO, Sheila. Marxismo e filosofia da linguagem: uma resposta à ciência da linguagem do século XIX e início do século XX. In: **Marxismo e filosofia da linguagem: Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem**. São Paulo: Editora 34, 2017. p. 7-79.
- HEATH, Peter. Introduction. In: HUMBOLDT, W. v. **On language: on the diversity of human language construction and its influence on the mental development of the human species**. Trad. Peter Heath. Cambridge: Cambridge University Press, 1999.
- HUMBOLDT, Wilhelm von. **Schriften zur Sprachphilosophie**. In: Werke in fünf Bänden III. Darmstadt: Wissenschaftliche Buchgesellschaft, 1963.
- HUMBOLDT, Wilhelm von. **Sobre la diversidad de la estructura del lenguaje humano y su influencia sobre el desarrollo espiritual de la humanidad**. Trad. Ana Agud. Madrid: Editorial Anthropos, 1990.
- HUMBOLDT, Wilhelm von. **Ensaio sobre língua e linguagem**. Trad. Hans Theo Harden e Orlene Lúcia de S. Carvalho. Uberlândia: EDUFU, 2021.
- HURCH, Bernhard. Die Formierung der grammatischen Analyse: die Rolle des Baskischen auf dem Weg Humboldts als Grammatiker. Einige editorische Anmerkungen zu den frühen bascologischen Arbeiten. **Anuario Del Seminario De Filología Vasca "Julio De Urquijo": International journal of basque linguistics and philology**, Madrid, n. 38(1), p. 333-351, 2004.
- KANT, Immanuel. **Kritik der reinen Vernunft**. Hamburgo: Felix Meiner Verlag, 1998.
- KANT, Immanuel. **Crítica da razão pura**. Trad. Manuela Pinto dos Santos e Alexandre Fradique Morujão. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2001. 5ª edição.
- KANT, Immanuel. **Crítica da razão pura**. Trad. Fernando Costa Matos. Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2015. 4ª edição.
- MARQUES, Ubirajara Rancan de Azevedo. Kant e o problema da origem das representações elementares: apontamentos. **Trans/Form/Ação**, São Paulo, n. 13, p. 41-72, 1990.
- MARQUES, Ubirajara Rancan de Azevedo. Kant e a epigênese a propósito do "inato". **Scientiae Studia**, São Paulo, v. 5, n. 4, p. 453-470, 2007.
- OLIVEIRA, Eliakim Ferreira. Quando o conceito e o objeto concordam entre si? Sobre uma noção de verdade por correspondência em Kant, **Pólemos**, v. 09, n. 17, p. 30-51, 2020. DOI: <https://doi.org/10.26512/pól.v9i17.26573>
- SPECHT, Patrícia. **Desafios ao traduzir filosofia Beziehungweise Wilhelm von Humboldt ao Português**. 119 f. Dissertação (Mestrado) – Instituto de Letras da Universidade de Brasília. Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução. Área de concentração: Estudos da Tradução. 2017.

STANFORD UNIVERSITY. **The Stanford Encyclopedia of Philosophy**. The Metaphysics Research Lab, Center for the Study of Language and Information (CSLI). Disponível em: <http://plato.stanford.edu/>. Acesso em: 24/01/2021.

TRABANT, Jürgen. Vanishing Worldviews. **Forum for Modern Language Studies**, nº 53, Saint Andrews, p. 1-14, 2017.